

ANÁLISE FONÊMICA PRELIMINAR

DA
LÍNGUA GUAJÁ

por

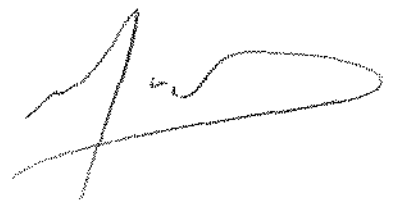
PÉRICLES CUNHA

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Péricles Cunha e aprovada pela comissão julgadora

Campinas

1987



AGRADECIMENTOS

Àqueles que, de um modo ou de outro, contribuíram para a realização deste trabalho:

Andreas Kneip, Antônia Torreão, Antônio Lau, Augusto Magnavita, Carl Harrison, Carlos Vogt, Celso Mangucci, Chiquita Pedrosa, Cícero Campos, Cláudia Vale, Cláudio Veiga, Clara Andrade Cunha, Daniele Grannier-Rodrigues, Dora Leal Rosa, Eber Mello, Edson Lopes Cardoso, Egon Rangel, Eni Orlandi, Esmeralda Carbonero Macedo, Eugênia Boaventura, Eustáquio Silveira, Eva Amado Bacelar, Evandro Pereira Andrade, Ferreira, Gorgônio Araújo, Helga Weiss, Irene Pedrosa, João Alexandre Duek, Jonas Romualdo, Leopoldina Araújo, Lourenço Chacon, Lígia Pellon, Lucy Seki, Luís Adelino Gordilho, Luisette Guimarães, "Major", Manuel Corrêa, Maria da Glória Andrade, Maria Luíza Silva, Mari-sa Baleeiro, Martha Maria Dourado, Mércio Pereira Gomes, Odair Enrique de Paula, Paul Halfpenny, Paulo Roberto de Souza Marques, Philippe Leclercq, Rita Jerônimo, Robert Sablovski, Sandra Pinkerton, Sílvia Braggio, Solange Andrade, Suzana Cardoso e Wanda Magnani.

A meus pais, Antônio e Lourdes Cunha, e a meus irmãos Toinho, Pilar, Lena, Nelsinho, Beto e Pedro.

Aos Guajá Tamakaymã, Tapanihũ, Takiči?á, Tahiké, Ipenehẽči?á, Čapanihũ, Mayuči?á, Pinawãyá, Čakočí, Čiparãyá, Yapó, Papi-
pirí, Tapiũ, Akučí, Arakú, Makahí, Kučí, Čikũ, Amũpirahũ, Makaratũ, Piráimičikurú, Amũčapiawẽ, Amũparamihũ, Amũma-
yanihũ e a meu informante "Tõein".

A meu orientador, Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, por sua competência, compreensão, interesse, paciência e efetiva orientação.

A Maria Angélica de Mattos
Maria da Glória Paiva de Carvalho
Marco Antonio de Oliveira

Para Rachel

"...um Mestrado que então surgia na Universidade e não se absorvera ainda na preocupação com créditos e hora-aula, centrando-se antes nas necessidades e interesses científicos que a cada estudante individualmente atraíam. Não havia programas rígidos. Eram nossas deficiências e indagações próprias que acabavam por conformar o programa de leituras que semanalmente discutíamos."

Pedro Agostinho. "Eduardo Galvão". In: Eduardo Galvão, Índios do Brasil: áreas culturais e áreas de subsistência. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

"A verdadeira cultura tem o propósito de trazer o antídoto decisivo contra o medo de uma marginalização punitiva, que provoca uma falsa assimilação do saber, com o aluno devolvendo formalmente ao professor, de modo mascarado, aquilo que exibe como saber adquirido.

.....
 "A Universidade deve harmonizar o saber, o fazer e o ser não como mera resposta ao condicionamento tecnológico, mas como fruto de uma competência reforçada pela participação coletiva numa comunidade acolhedora, onde ninguém seja coagido a sobreviver em condições desumanas."

Paul Arbousse Bastide. "O que o Brasil me ensinou". Aula Magna nos 50 anos da USP.

"Falta-nos a alma e a audácia do que se poderia chamar o grau zero de uma cultura, a potência da incultura."

Jean Baudrillard. América. Rio. Rocco.

RESUMO

Esta dissertação consiste na apresentação dos resultados da análise preliminar da fonologia da língua Guajá, efetuada segundo os princípios da fonêmica clássica. Após a apresentação do repertório dos sons da língua Guajá (cap. 2) e de alguns processos assimilatórios percebidos, tais como laringalização, nasalização regressiva e harmonia vocálica (cap. 3), apresentam-se as características da estrutura silábica e do acento de intensidade, os fonemas segmentais, sua distribuição e variação (cap. 4).

A ampla margem de variação detectada pela análise dos dados foi interpretada como caracterizando uma instabilidade fonológica (cap. 5). A harmonia vocálica é apresentada como um processo histórico mas identificam-se alguns indícios de sua vigência sincrônica (cap. 6). Uma hipótese de caráter sociolinguístico é levantada na Conclusão (cap. 7) sobre uma das possíveis causas da variedade de casos de flutuação que provavelmente se correlaciona com a situação social (heterogeneidade e pequeno número de pessoas) da comunidade estudada.

Autor: Péricles Cunha

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

ÍNDICE

1.	Introdução	1
2.	Os sons do Guajá	9
3.	Fenômenos assimilatórios	16
4.	Interpretação fonêmica básica	20
5.	Instabilidade fonológica	55
6.	Harmonia vocálica	59
7.	Conclusão	64
	Bibliografia	66

INTRODUÇÃO

A língua Guajá (família lingüística Tupi-Guarani)¹ é falada por cerca de 150 índios que se referem a si mesmos como Awá, mas que são referidos, desde meados do século XIX, pelo nome de Guajá. Esses índios vivem no Estado do Maranhão, na região situada entre os rios Pindaré e Gurupi, notadamente nas cabeceiras do rio Turiaçu e nos igarapés afluentes do rio Caru. Essa área fica entre as dos dois outros povos tupi do Maranhão, os Guajajára ao sul e a sudeste e os Urubu-Kaapór ao norte. Os últimos eram, há bem pouco tempo, inimigos dos Guajá, contra os quais guerreavam para capturar mulheres e crianças ou para resolver tensões emocionais de seu próprio grupo (Ribeiro 1974).

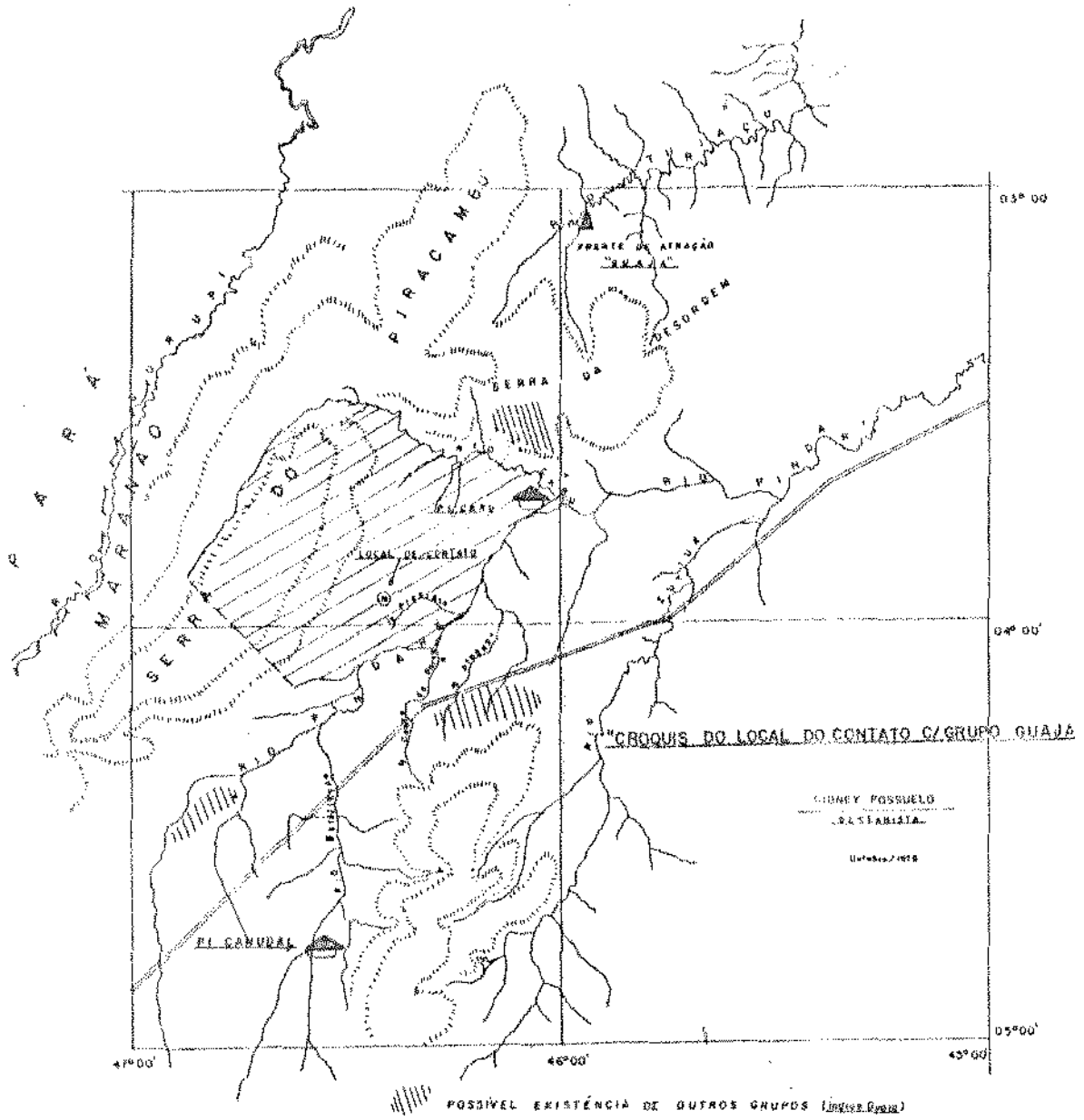
As raras informações sobre os Guajá existentes na literatura são quase todas devidas a informações dadas por outros povos indígenas (Dodt 1981, Nimuendaju 1948).

Em 1948, François-Xavier Beghin teve um contacto direto com índios Guajá, do qual deu notícia em dois artigos (Beghin 1951 1957). Um quarto de século depois, em maio de 1973, a antropóloga Valéria Parisi contactou um grupo Guajá na região dos Cocais do Alto Turiaçu (Parisi 1973a 1973b). A seguir, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) instalou naquela área um Posto de Atração para os Guajá. No final de 1978, o sertanista da FUNAI Sidney Possuelo, com uma equipe de atração, contactou outro grupo Guajá bem mais ao sul, do outro lado da Serra da Desordem, junto ao igarapé Presídio (vide mapa na página seguinte). A partir de 1980, o antropólogo Mércio Pereira Gomes passou a estudar o povo Guajá, com cujos grupos tem, desde então, mantido diversos contactos.

Os Guajá são um povo de caçadores e coletores nômades, que têm sido perseguidos por outros índios e pelos brancos da região. De acordo com Gomes, trata-se de "uma das últimas sociedades exclusivamente dependentes da caça e da coleta do mundo atual", e uma "cultura sem outra razão de ser senão a sua sobrevivência pela fuga" (Gomes ms.).

Em seu projeto de pesquisa Gomes aponta para a necessidade não só do aprendizado da língua dos Guajá, mas também de seu estudo sistemático. O presente trabalho representa um primeiro passo no sentido de atender a essa necessidade.

Em 1980, em companhia do Prof. Mércio Pereira Gomes, fui ao Posto de Atração da FUNAI, nos Cocais do Alto Turiaçu onde, entre os meses de fevereiro e maio, tive dois períodos de pesquisa, um de 22 e outro de 25 dias, junto aos Guajá ali estabe-



Mapa da área dos índios Guajá. Revista de Atualidade Indígena
15 (1979), p. 9

lecidos. Estes eram remanescentes do primeiro grupo contactado por Parisi em 1973 e de outros grupos que foram sendo dizimados pela intensificação dos contactos com os civilizados. Tratava-se de uma comunidade de 25 membros, sendo um homem com cerca de 30 anos de idade, cinco rapazes com menos de 20, dez meninos entre 13 e 2 anos e dois bebês. Havia poucas mulheres no grupo: uma com cerca de 25 anos, quatro moças com menos de 20 e duas meninas de 5 e 3 anos. Uma das moças morreu de parto durante a minha permanência.

Os Guajá do Posto de Atração eram quase todos monolíngües. Apenas um rapaz e dois meninos tinham algum conhecimento do Português regional. "Geí" - cerca de 11 anos naquela época - que, seqüestrado, havia passado algum tempo, após o seu resgate, na Casa do Índio em São Luís, era o que melhor dominava o Português, mas demonstrava insegurança sobre sua língua nativa, a ponto de, ao ser indagado, vez por outra pedir auxílio a "Tõeín". O outro menino, chamado "Guajá", com um precário conhecimento passivo do Português, não manifestou interesse pelo meu trabalho. Meu principal informante foi "Tõeín", o mais velho dos cinco rapazes, muito estimado pelo grupo e com certa ascendência sobre os mais novos. Apesar de sua limitada capacidade de entender e de fazer-se entender em Português, demonstrou interesse em me ajudar no estudo da língua. Com êle registrei de forma pouco sistemática, segundo as circunstâncias permitiam, itens lexicais e pequenas frases referentes aos elementos da natureza, aos bichos, às aves e às plantas, ao corpo humano, às ações cotidianas, etc.

Esses dados, nos quais essencialmente se baseia a presen-

te análise, foram registrados em gravador cassette, totalizando cerca de seis horas de gravação.

Registrei ainda cerca de 50 minutos de fita com um rapaz conhecido no Posto pelo nome de "Napoleão", 90 minutos com "Geí", uns 20 minutos com "Guajá" e fragmentos de conversas entre membros do grupo.

O trabalho de campo foi limitado por muitos fatores, alguns devidos à inexperiência do pesquisador, outros decorrentes de situações incontrolláveis: no que diz respeito aos Guajá, a precária situação física e social em que se encontravam; no que se refere ao pesquisador, a malária, que primeiro forçou uma interrupção do trabalho de campo para tratamento de emergência em Belém. E depois, um segundo acesso determinou o retorno a Campinas.

De volta à Universidade, não foi fácil vencer a longa e dura fase de audição e transcrição das gravações, do fichamento e registro dos dados. Não bastasse a extraordinária secura desse trabalho preliminar, a carência de infra-estrutura adequada para os que pesquisam as línguas indígenas, a falta de interesse que às vezes atinge a hostilidade, a precariedade das condições de subsistência do pesquisador, tudo somado contribui para a desistência e não para a persistência.

Vencida essa fase, aqui está a análise. Escolhi trabalhar dentro dos princípios da fonêmica clássica: primeiro, por se tratar da análise de uma língua nunca antes descrita, situação para a qual as técnicas distribucionais se revelam práticas e

eficientes; segundo, por atender à minha necessidade de treinamento para um mais elaborado trabalho de campo, que proporcione o desenvolvimento de competência científica e de competência comunicativa na língua Guajá, ou em outra língua.

NOTAS

1. Em seu artigo sobre as "Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani" (Rodrigues 1984/1985) em que procura apresentar uma subdivisão da família Tupi-Guarani a partir da comparação de uma "seleção de elementos fonológicos e lexicais", Rodrigues distingue oito subconjuntos de línguas e classifica o Guajá no subconjunto VIII, juntamente com o Takunyapé, o Urubu-Kaapór, o Wayampí, o Wayampípukú, o Émerillon, o Amanayé, o Anambé e o Turiwára.

Relaciona como características deste grupo de línguas, dentro daqueles elementos fonológicos e lexicais escolhidos para a comparação, a

- "a) perda parcial das consoantes finais
- b) fusão de *ts e *tš e sua mudança em h ou Ø
- c) mudança de *pw em kw
- d) mudança de *pj em s
- e) conservação de *j"

e exemplifica estas características com três línguas - o Urubu-Kaapór, o Wayampí e o Wayampípukú.

Apresento aqui equivalentes Guajá para alguns dos exemplos citados, os quais confirmam a inclusão do Guajá no subconjunto VIII.

- a) O Guajá perdeu completamente o *b, o *m e o *ŋ. A oclusiva velar *k se mantém em apenas um dos exemplos colhidos. Conserva, ainda que parcialmente, o *n e o *r, realizados com soltura vocálica e em variação livre com Ø. Cf. exs. (30), (77), (80), (81), (87), (88), (265), (342)-(345), (342a)-(345a) e ainda /kí/ "piolho".
- b) *ts e *tš em Guajá mudam para /h/. Cf. exs. (90), (109),

- (120), (165), (291), (474) e mais /pɛhá/ "noite" e /ehá/ "olho".
- c) O Guajá muda *pw em /k^w/. Cf. ex. (109) e também /akak^wá/ "eu amarro".
- d) O Guajá mudou *pj na africada /č/ que corresponde a uma etapa anterior na mudança para a fricativa /s/ de outras línguas do subconjunto VIII. Cf. ex. (155).
- e) O Guajá conserva regularmente o *j. Cf. exs. (69), (354), (355) e /yahí/ "lua".

OS SONS DO GUAJÁ

Apresentam-se a seguir os sons vocálicos e consonantais registrados nas transcrições fonéticas dos enunciados Guajá gravados durante o trabalho de campo.

2.1 Sons vocálicos

Produzidos sem bloqueio da corrente de ar egressiva pulmonar, podem ser silábicos e assilábicos.

2.1.1 Silábicos

Há em Guajá sons vocálicos silábicos orais e nasais simples, isto é, não laringalizados, além de orais surdos.

2.1.1.1 Orais Simples

Os sons orais simples são caracterizados pelos parâmetros de altura - elevação da língua - alto, médio, baixo -, posição da língua - anterior, central, posterior -, e arredondamento - ou não arredondamento - dos lábios.

Em relação à elevação da língua podem ser altos | i ü ɪ ɛ ɐ ʌ o ɔ |, médios | e ɛ ə ʌ o ɔ |, e baixos | a ɒ |; quanto à posição da língua, anteriores | i ü ɪ e ɛ |, centrais | ɛ ɐ ə ʌ a | e posteriores | u u o ɔ ɒ |; quanto ao arredondamento dos lábios, não arredondados | i ɪ e ɛ ɛ ə ʌ a | e arredondados | ü ɐ u u o ɔ ɒ |.

Os sons altos, quanto à elevação da língua, podem ser ainda fechados | i ü ɛ ɐ u u | e abertos | ɪ u |; quanto à posição da língua, anteriores | i ü ɪ |, centrais | ɛ ɐ | e posteriores | u u |; e quanto ao arredondamento dos lábios, não arredondados | i ɪ ɛ | e arredondados | ü ɐ u u |.

Os sons médios podem ser fechados | e a o | e abertos | e ʌ ɔ |; anteriores | e ɛ |, centrais | a ʌ | e posteriores | o ɔ |; não arredondados | e ɛ ə ʌ | e arredondados | o ɔ |.

Os sons baixos não variam em altura e se realizam distintamente apenas quanto ao arredondamento dos lábios, sendo o central | a | não arredondado e o posterior | ɒ |, arredondado.

Os sons posteriores são sempre arredondados.

Do que foi dito acima resulta o seguinte quadro:

Sons vocálicos silábicos orais simples		anteriores		centrais		posteriores	
		ñ-arr	arred	ñ-arr	arred	ñ-arr	arred
alta	fechada	i	ü	ɨ	ɤ		u
	aberta	ɪ					ɯ
média	fechada	e		ə			o
	aberta	ɛ		ʌ			ɔ
baixa				a			ɑ

2.1.1.2 Nasais

Os sons nasais distinguem-se dos orais por se realizarem com abaixamento do véu palatino, o que faz com que parte do ar expirado saia pelas fossas nasais. Distinguem-se ainda, pelo fato de se realizarem somente com altos e médios fechados | ɨ ɤ ü ɛ ɔ |, exceto o som | ʌ |, que é central médio aberto.

Sons vocálicos silábicos nasais simples		anteriores		centrais		posteriores	
		ñ-arr	arred	ñ-arr	arred	ñ-arr	arred
alta	fechada	ĩ		ɨ̃		ũ	
	aberta						
média	fechada	ẽ		ɛ̃		õ	
	aberta			ʌ̃			
baixa							

2.1.1.3 Orais e nasais laringalizados

Existem sons vocálicos laringalizados - orais e na-

sais - que correspondem à totalidade dos sons orais e nasais simples.

2.1.1.4 Surdos

Foram encontrados os seguintes sons vocálicos surdos :
altos fechados - anterior não arredondado | ɨ |, central não arredondado | ɤ | e posterior arredondado | ʉ |

Sons vocálicos silábicos surdos				
		anteriores	centrais	posteriores
		ñ-arr arred	ñ-arr arred	ñ-arr arred
alta fechada	ɨ		ɤ	ʉ
	aberta			
média fechada				
	aberta			
baixa				

2.1.2 Assilábicos

Registram-se realizações assilábicas dos sons vocálicos orais e nasais altos fechados anteriores não arredondados | y ÿ | e posteriores arredondados | w Ẃ |.

Sons vocálicos assilábicos orais e nasais	
anteriores	posteriores
não-arred	arredondados
y ÿ	w Ẃ

2.2 Sons consonantais

Os sons consonantais são sempre assilábicos, ocupando preferencialmente a posição de aclave de sílaba. Na língua Guajá poucos são os sons que ocupam a posição de declive de sílaba (cf. adiante 4.1.3).

Entre os sons consonantais distinguem-se os glotais, cuja produção depende exclusivamente do fechamento ou leve abertura da glote, e os supra-gloteais, cuja articulação básica se dá na cavidade bucal.

2.2.1 Gloteais

Ocorrem no Guajá segmentos gloteais oclusivo | ? | e fricativo | h |, que se distinguem por ser este contínuo e aquele não contínuo.

Sons gloteais

não contínuo ?

contínuo h

2.2.2 Supra - gloteais

Os sons consonantais supra-gloteais identificados em Guajá distinguem-se, em relação ao ponto de articulação, em bilabiais | p^h p b mb m mw ɸ |, dentais | t^h t d nd n ř ŋ |, alveo-palatais | tš dž š ž |, palatal | ḳ |, velares | k^h k g | e lábio-velares | kw gw |. Em relação ao modo de articulação podem ser oclusivos | p^h p b t^h t d ḳ k^h k g kw gw mb nd |, africados | tš dž |, fricativos | ɸ š ž |, nasais | m mw n |. Ain-

da em relação ao modo se distinguem entre surdos | p^h p^h t^h t^h k^h k kw tš š |, e sonoros | b d g gw mb nd m mw n dž ɸ ž ř ň |. Ressalte-se que os sons nasais são sempre sonoros | m mw n | aí incluídas as oclusivas pré-nasalizadas | mb nd |, e que os flepes, também sonoros, se distinguem apenas quanto à oralidade | ř | e nasalidade | ň |.

Os sons consonantais oclusivos também se distinguem: os surdos, pela ausência | p t k kw | ou presença de aspiração | p^h t^h k^h |; os sonoros, por serem pré-nasalizados | mb nd | ou não (os demais sons oclusivos). E ainda pela ocorrência de um som velar palatalizado | ḳ |.

Uma última distinção a fazer é a que possibilita separar os segmentos complexos | p^h t^h k^h ḳ kw gw mb nd tš dž mw | dos segmentos simples | p t k b d g m n ɸ š ž ř ň |.

Sons consonantais supra - glotais

		bilabial dental		álveo- palatal	palatal	velar	lábico- velar
Oclusivo							
surdo	aspirado	p ^h	t ^h			k ^h	
	não aspirado	p	t		ќ	k	kw
sonoro		b	d			g	gw
	pré-nasalizado	mb	nd				
Nasal							
sonoro		m	n				
	labializado	mw					
Africado							
	côncavo surdo				tš		
	sonoro				dž		
Fricativo							
surdo					š		
sonoro		b			ž		
Flepe							
oral			ř				
nasal			ň				

FENÔMENOS ASSIMILATÓRIOS

3.1 Laringalização

Os sons vocálicos laringalizados (transcritos $\overset{?}{V}$) ocorrem frequentemente contíguos à oclusiva glotal:

- | | | | |
|-----|--|--|--------------------|
| (1) | | $\overset{?}{m}\overset{?}{a}'\overset{?}{i}'\overset{?}{w}\overset{?}{a}$ | "espécie de fruta" |
| (2) | | $\overset{?}{h}\overset{?}{ê}'\overset{?}{?}\overset{?}{ê}$ | "doce" |
| (3) | | $\overset{?}{o}'\overset{?}{?}\overset{?}{a}$ | "ê ele cai" |
| (4) | | $\overset{?}{u}'\overset{?}{?}\overset{?}{\ddot{a}}$ | "flecha" |

Entretanto podem ocorrer também sem a presença de oclusiva glotal, caso em que se encontram em seqüência dois ou mais sons laringalizados:

- | | | | |
|-----|--|---|-----------|
| (5) | | $\overset{?}{p}\overset{?}{p}\overset{?}{?}\overset{?}{?}'\overset{?}{?}$ | "depenar" |
| (6) | | $\overset{?}{t}\overset{?}{a}'\overset{?}{\Delta}\overset{?}{m}\overset{?}{i},\overset{?}{h}\overset{?}{u}$ | "molhado" |
| (7) | | $\overset{?}{u}'\overset{?}{u}$ | "comer" |
| (8) | | $\overset{?}{k}\overset{?}{a}'\overset{?}{a} $ | "mato" |
| (9) | | $\overset{?}{h}\overset{?}{\Delta}\overset{?}{i}'\overset{?}{i}$ | "coçar" |

3.2 Nasalização

Foram percebidos dois graus de nasalidade nas vogais : vogais fortemente nasais (transcritas \tilde{V}), que ocorrem em sílaba tônicas, e também em sílabas átonas, quando entre consoantes nasais:

- (10) | $\Delta ma'p^h\tilde{e}$ | "eu quebro"
 (11) | $p^h\#p^h\tilde{e}'n\tilde{e}$ | "bater (com os pé no chão)"
 (12) | $ip^h\#k^h\tilde{o}$ | "polegar (pé)"
 (13) | $'t^h\tilde{u}$ | "cheirar "
 (14) | $a\tilde{r}\tilde{a}\tilde{r}\tilde{e}'k^h\tilde{e}$ | "esp. de arara"
 (15) | $tata't\tilde{s}\tilde{i}$ | "fumaça"
 (16) | $\Delta m\tilde{e}'n\tilde{e}$ | "eu acendo"
 (17) | $m\tilde{i}'n\tilde{o}$ | "ato sexual"
 (18) | $\tilde{i}n\tilde{o}'m\tilde{u}$ | "nambu"
 (19) | $m\tilde{a}\tilde{n}\tilde{i}'?i$ | "mandioca"

E vogais fracamente nasais (transcritas $\underset{\sim}{V}$), ocorrendo somente em sílabas átonas, exceto quando entre consoantes nasais:

- (20) | $\tilde{w}\Delta ni'h\tilde{e}$ | "rapaz"
 (21) | $k\tilde{w}\tilde{e}'?e$ | "sarar"
 (22) | $\tilde{y}\Delta mi'h\tilde{e}$ | "estar com fome"
 (23) | $\Delta \tilde{r}\tilde{i}'h\tilde{i}$ | "cachorro do mato"

Observa-se que, em geral, são fracamente nasais os sons vocálicos que precedem uma sílaba tônica com som vocálico (fortemente) nasal.

3.3 Harmonia vocálica

Observa-se, em algumas palavras, a ocorrência de vogais idênticas em sílabas sucessivas, o que sugere uma tendência à harmonia vocálica :

(24)		ami'tšĩ		"amarrar"
(25)		ři'p ^h i		"por"
(26)		mi'tšĩ		"fezes"
(27)		ki'tšĩ		"cortar"
(28)		he'he		"lavar"
(29)		'p ^h ε,be		"longe"
(30)		me't ^h εk ^h		"bater"
(31)		we'we		"voar"
(32)		pɔ'p ^h ɔ		"pular"
(33)		pɔpɔ'ɔ		"depenar"
(34)		ɔ'hp		"êle vai"
(35)		yapɔ'p ^h ɔ		"panela"
(36)		iřu'hu		"esp. de gavião"
(37)		p ^h u'p ^h u		"esp. de coruja"
(38)		pepe'ře		"criancinha("quando tá prá nascer"(?))"
(39)		ke'ře		"dormir"
(40)		tařə'mã		"farinha"
(41)		pΔ'řã		"bonito"
(42)		yapařə'p ^h ã		"bater"
(43)		ta'p ^h ã		"trovão"
(44)		ta'p ^h a		"seco"
(45)		ma'k ^h a		"espingarda"
(46)		ma'k ^h a		"rir"
(47)		-a'way		"rabo"
(48)		mi't ^h ɛ		"respirar"

- (49) | wü'wü | "leve"
 (50) | -_Δmu'k^hü | "língua"
 (51) | p^hü'nü | "peidar"
 (52) | a'wa | "rosto"
 (53) | -at_Δ'mä | "perna"
 (54) | tš_Δma'k^hay | "galinha"
 (55) | taka'mä | "coco de tucum"
 (56) | p_Δr_Δ'wã | "umbigo"
 (57) | ta'k^hã | "tucano"
 (58) | kwã'yã | "mulher"
 (59) | mɛ'nɛ | "acender"
 (60) | mɛ'mɛrɛ | "filho"
 (61) | p^hɛ'ɛrɛ | "colar"
 (62) | ha'ɛ'ɛ | "coçar"
 (63) | mōmō'ɔ | "contar"

INTERPRETAÇÃO FONÊMICA BÁSICA

4.1 Estrutura silábica

4.1.1 Padrões silábicos com segmentos não-problemáticos

Considerando-se inicialmente apenas os segmentos vocálicos não-altos e os segmentos consonantais oclusivos e nasais, identificam-se três padrões silábicos

V

CV

CVC

que podem ser exemplificados na seguinte palavra :

(61) | \underline{e} .m ϵ .^ht ϵ k^h | V.CV.CVC "eu bato"

Embora os segmentos oclusivos aspirados possam ser interpretados, em certas situações, como seqüência de dois segmentos um oclusivo e outro fricativo glotal ou, quando em final de enunciado, um oclusivo e outro vocálico, em Guajá esse não é o

caso, pois há uma complementaridade na distribuição dos segmentos não-aspirados e aspirados. Os aspirados são os únicos a ocorrer em sílabas tônicas e são também os que predominam em sílabas átonas diante de vogais altas.

A existência de padrões V e CVC sugere a provável ocorrência do padrão VC. Embora não tenha sido encontrado no corpus analisado nenhum caso com segmento oclusivo ou nasal, esse padrão ocorre de fato com outros segmentos assilábicos, como se verá adiante (cf. a seguir 4.1.3).

4.1.2 Interpretação dos segmentos problemáticos

De acordo com os padrões silábicos estabelecidos, pode-se interpretar os segmentos e seqüências de segmentos problemáticos | k kw gw tš dž w w̃ y ÿ | como consoantes simples, que ocupam a posição de aclave de sílaba :

(65)	i.ki.'řa	V.CV.CV	"ele é gordo"
(66)	a.'kwa	V.CV	"eu sei"
(67)	y _Λ .wa.wa	CV.CV.CV	"sovaco dele"
(68)	t _Λ . 'wã	CV.CV	"amarelo"
(69)	kwã.'yã	CV.CV	"mulher"
(70)	a.k ^h u.'tši	V.CV.CV	"cotia"
(71)	ha.pa.dži. [?] 'řa [?]	CV.CV.CV.CV	"marido"
(72)	m _Λ .gwa.'ři	CV.CV.CV	"maguari"

Os segmentos silábicos nasalizados foram interpretados como segmentos simples :

(73)	p _Λ . [?] 'řã [?]	CV.CV	"ficar de pé"
------	--	-------	---------------

(74)	h _Δ .w̃i. ^h hẽ	CV.CV.CV	"minha veia"
(75)	Δ. ^h ỹã	V.CV	"anhanga"
(76)	w̃i. ^h hẽ	CV.CV	"semente"
(77)	a. ^h kã	V.CV	"cabeça"
(78)	m̃t. ^h tũ	CV.CV	"mutum"

4.1.3 Distribuição de ocorrência

Os padrões silábicos em Guajá podem ser resumidos na seguinte fórmula :

$$(C_1) V (C_2)$$

Ou seja, um núcleo silábico preenchido por todos os sons vocálicos, e posições assilábicas marginais a esse núcleo :

C_1 , ocupada por todos os segmentos assilábicos.

C_2 , ocupada pelo segmento oclusivo velar aspirado | k^h |, pelos segmentos dentais nasal | nẽ |, e flepe | řã | (realizados com soltura vocálica), e pelos segmentos vocálicos assilábicos álveo-palatais | y ỹ |.

(79)	m̃e 't ^h εk ^h	CV.CVC	"bater"
(80)	Δ. ^h mãne	V.CVC	"chuva"
(81)	ta. ^h 'kwařã	CV.CVC	"bambu"
(82)	ta. ^h 'p ^h iy	CV.CVC	"roupa"
(83)	m̃Δ. ^h 'kũỹ	CV.CVC	"dois"

Há grande restrição de ocorrência na posição C_2 do padrão $C_1 V C_2$. Das consoantes oclusivas ocorre aí só a velar | k^h |, e das não oclusivas, só as dentais | řã | e | nẽ |, e o vocóide anterior assilábico oral | y | e nasal | ỹ |. Além disso, os enunciados terminados em | řã | e | nẽ | apresentam "doublets" sem

esses segmentos :

- | | | | |
|------|--|----------------|----------|
| (84) | me.'t ^h εk ^h | CV.CVC | "bater" |
| (85) | mü.'huɣ | CV.CVC | "sonho" |
| (86) | 'hãỹ | CVC | "dente" |
| (87) | p ^{h?} _ɛ .'ʔ [?] _ɛ ře ~ p ^{h?} _ɛ .'ʔ [?] _ɛ | CV.CVC ~ CV.CV | "colar" |
| (88) | ta.'p ^h ãna ~ ta.'p ^h ã | CV.CVC ~ CV.CV | "trovão" |

No padrão CV há restrições significativas de ocorrência vocálica : - o segmento vocálico anterior alto | i | não ocorre depois do segmento obstruente dental | t^h | nem do segmento assilábico | y | ;

- os segmentos vocálicos posteriores | u u o o | não ocorrem depois do segmento obstruente lábio-velar | kw | e do segmento vocálico assilábico posterior | w |.

Em fala menos tensa o segmento silábico alto anterior | i |, quando contíguo a outro segmento silábico, pode tornar-se assilábico, ocupando a margem da sílaba :

- | | | | |
|------|---|------------------|------------|
| (89) | a.i.'řu ~ ay.'řu | V.V.CV ~ VC.CV | "papagaio" |
| (90) | he.i.'t ^h a ~ hey.'t ^h a | CV.V.CV ~ CVC.CV | "muitos" |
| (91) | p ^h _i .p ^h _i .'ã ~ p ^h _i .p ^h _i ã | CV.CV.V ~ CV.CCV | "garra" |

O último exemplo apresenta uma sílaba fonética CCV, que só se produz na fala menos tensa, como realização do que, em fala tensa, é Ci.V . Em condições semelhantes, isto é, em fala menos tensa, observa-se um outro caso de CCV, quando ocorre a redução da seqüência CV.řV, precedendo o acento principal, como nos seguintes exemplos :

- (92) | ta.rə.²'?i²rə | ~ | trā.²'?i²rə | "traíra"
 CV.CV. CVC CCV. CVC
- (93) | wə.t^h±.rū.'hu | ~ | wə.trū.'hu | "monte alto"
 CV. CV.CV. CV CV.CCV. CV

4.2 Acento

4.2.1 Posição do acento

O Guajá tem acento fixo, que incide sempre na última sílaba da raiz :

- (94) | -mi'tsí | "amarrar"
 (95) | -p^hi'p^hi | "jogar pedras"
 (96) | kwē²'?ē² | "curar"
 (97) | p^hi'ře | "pele"
 (98) | h_Δmí't^hɸ | "tampar"
 (99) | a't^hɸ | "atirar"
 (100) | -a't^ha | "fogo"
 (101) | p_Δ'rã | "bonito"
 (102) | magaře't^hõ | "esp.de pássaro"
 (103) | 'p^hɔ | "mão"
 (104) | 't^hũ | "cheirar"
 (105) | 't^hu | "pai"

Nas palavras compostas (mais de uma raiz) ou derivadas (raiz + sufixos derivativos) cada constituinte mantém o seu acento. No constituinte à esquerda, no entanto, o acento tem sua intensidade reduzida :

- (106) | p^hi'řa | "peixe" + | i'k^ha | "matar"
 | p^hi,řay'k^ha | "pescar"
- (107) | -apɔ'p^hɔ | "costas" + | mɛ't^he | "meio de"
 | -apɔ,p^hɔmɛ't^he | "meio das costas"
- (108) | p_Δ'řã | "bonito" + | ka't^hu | "bom"
 | p_Δ,řãka't^hu | "bem bonito"
- (109) | -ko'kweřə | "roça" + | u'hu | "intensivo"
 | ko,kweřu'hu | "roça grande"
- (110) | imu'k^hu | "é comprido" + | řa'hɛ | "intensivo"
 | imu,k^huřə'hɛ | "é muito comprido"
- (111) | a'p^hɛ | "eu pego" + | 'k^hɛ | "intensivo"
 | a,p^hɛ'k^hɛ | "eu aperto"
- (112) | mi'tši | "pequeno" + | 'k^hɛ | "intensivo"
 | mi,tši'k^hɛ | "pequeninho"

Quando o segundo constituinte (à direita) é monossilábico, mesmo sendo um morfema lexical, pode ter a sua intensidade reduzida :

- (113) | i'wak- | "céu" + | -'õ | "escuro"
 | i'wa,k^hõ | "tipo de nuvem"
- (114) | pã'ňã | "bonito" + | -'du | (de |ka't^hu|) "bom"
 | pã'ňã,du | "bem bonito"
- (115) | ipa'p^hɔ | "asa" + | 'k^hã | "osso"
 | ipa'p^hɔ,k^hã | "osso da asa"

Se o segundo constituinte é um morfema gramatical (sufixo) monossilábico, de acordo com a menor/maior velocidade de fala, este sufixo perde o acento (com conseqüente enfraquecimento da vogal) ou, respectivamente, o intensifica (com conseqüente aber-

tura da vogal e realização forte da consoante) :

- (116) | ká'ʔá | "mato" + | 'p^he | "locativo"
 |ká'ʔábi|~|ká'ʔá^hap^hi|~|ká'ʔá^hp^he|~|ká'ʔá'be| "no mato"
- (117) | i'k^ha | "rede" + | 'p^he | "locativo"
 |i'k^habi|~|i'k^hap^hi|~|i'k^ha^hp^he|~|i'k^ha'be| "na rede"
- (118) | i'wa | "céu" + | 'p^he | "locativo"
 |i'wab^hi|~|i'wap^hi|~|i'wa^hp^he|~|i'wa'be| "no céu"

Se o sufixo é dissilábico, ele tem seu acento reduzido (concomitantemente a vogal de sua penúltima sílaba se ensurdece) :

- (119) | ká'ʔá | "mato" + | ři'p^hi | "através de"
 |ká'ʔá^hři^hp^hi | "pelo mato"
- (120) | o'hə | "ele vai" + | mi't^ha | "suf. de futuro"
 |o'hə^hmi^ht^ha | "ele irá"
- (121) | ʔ^hmō | "outro" + | mi'hě | "suf. temporal"
 |ʔ^hmō^hmi^h,hě | "amanhã"
- (122) | mǎ'ně | "....." + | mi'hě | "suf. temporal"
 |mǎ'ně^hmi^h,hě | "ontem"
- (123) | i'kwǎ | "....." + | mi'hě | "suf. temporal"
 |i'kwǎ^hmi^h,hě | "hoje"

4.2.2 Oposição oralidade/nasalidade

O acento em Guajá tanto pode ocorrer em sílabas com vogal oral quanto em sílabas com vogal nasal (vide 4.3.2.4) :

- (124) | pa'řa | "rio" | p^hǎ'řě | "bonito"
- (125) | ʔ^hme | "afiado" | ʔ^hmě | "eu apago"
- (126) | 't^hu | "pai" | 't^hũ | "cheirar"

4.3 Vogais4.3.1 Vogais orais

Aos segmentos silábicos orais centrais alto e baixo | ɨ | e | a |, e ao anterior alto | i |, correspondem respectivamente os segmentos arredondados | ɯ |, | ɔ |, | ü |, quando depois dos segmentos assilábicos posteriores labiais | kw | e | w |, e os segmentos não arredondados | ɨ |, | a |, | i |, nos demais ambientes :

(127)	t ^h ɨ'kwɨ	/ tɨk ^w ɨ /	"caldo"
(128)	waɣɨ'k ^h ɨ	/ wiɣɨkɨ /	"correnteza"
(129)	ka'wa	/ kawá /	"vaso"
(130)	kwatʃi'tʃi	/ k ^w acicí /	"perto"
(131)	ta't ^h a	/ tatá /	"fogo"
(132)	p ^h i'ra	/ pirá /	"peixe"
(133)	wü'wü	/ wiwá /	"leve"
(134)	t ^h r'kwü	/ tek ^w ɨ /	"fibra de tucum"
(135)	wa'ri	/ warí /	"guariba"

Portanto, | ɨ | e | ɯ |, | a | e | ɔ |, | i | e | ü | são, respectivamente, alofones dos fonemas / ɨ /, / a / e / i /.

Os segmentos não altos e não arredondados | e | e | ʌ | ocorrem após o segmento assilábico anterior | y | :

(136)	ye'yu	/ yeyú /	"esp. de peixe"
(138)	kí'ye	/ kiyé /	"ter medo"
(139)	yʌ'wa	/ yawá /	"cachorro"
(140)	yʌ'yɔ	/ yayó /	"soluçar"
(141)	aɣ _{ma} 'y ʌ	/ aramay a /	"esp. de ave"

Os segmentos não altos e não arredondados mais elevados | i | e | a | ocorrem em sílabas átonas contíguas à sílaba tônica (sobretudo após segmentos dentais), em flutuação com | e | e | a |, respectivamente. É provável que a flutuação esteja condicionada à menor/menor velocidade de fala.

(142)	t ^h i·yμ ~ te'yμ	/teyú/	"teiú"
(143)	kwat ^h i'k ^h ɔ	/k ^w atekó/	"está aqui"
(144)	h _Δ meñi'k ^h ɔ ~ h _Δ meře'k ^h o	/hamérekó/	"m/esposa"
(145)	ka'ʔap ^h i ~ ka'ʔa ^h p'e	/kaʔápé/	"no mato"
(146)	ni'řua	/nerúa/	"teu pai"
(147)	'ʔia	/ʔía/	"água"
(148)	a,řařa'k ^h ã ~ a,řaře'k ^h ã	/ararakã/	"esp.de arara"
(149)	i,k ^h oa'hɛ ~ i,k ^h oa'hɛ	/ikóahí/	"homem ruim"

Os segmentos baixos abertos | e | e | a | ocorrem complementarmente em relação a | e | e | i | e a | ʌ | e | a |, respectivamente

(150)	ʌme,řik ^h u'ři	/ameríkurí/	"minhoca"
(151)	yap ^h e'kwo	/yapek ^w á/	"ouvido"
(152)	rebu'tši	/repučí/	"fezes"
(153)	akak _Δ řãř	/akakarãy/	"eu arranho"
(154)	ta'p ^h a	/tapá/	"reco"
(155)	a'tsa	/ačá/	"eu vejo"

Dada a complementaridade da distribuição, |e|, |e| e |i| são considerados alofones do fonema não alto anterior /e/, e os segmentos |a|, |ʌ| e |a| são tidos como alofones do fonema central baixo /a/, como já foi indicado na transcrição fonêmica acima.

Os segmentos silábicos posteriores | u | e | o | ocorrem em posição não acentuada :

(156)	muk ^h u'ři	/mukurí/	"bacuri"
(157)	ak ^h u'tší	/akučí/	"cotia"
(158)	ta,p ^h ãu'řa	/tapãurá/	"relâmpago"
(159)	y ^h ,p ^h o!hu	/yapóhú/	"redondo"

Em posição acentuada ocorrem os segmentos posteriores mais abertos | u | e | o | :

(160)	i'ú [?]	/i'ú/	"coxa"
(161)	ki'tšú	/kičú/	"cuxiu"
(162)	ka't ^h u	/katú/	"bom"
(163)	tší'mó	/čimó/	"timbó"
(164)	ma'p ^h ó	/mapó/	"disparar"
(165)	há'ó [?]	/ha'ó/	"carne"

| u | e | o | estão, portanto, em distribuição complementar com | u | e | o |, respectivamente. Por outro lado, | u | e | o | estão em oposição, assim como | u | e | o |, entre si:

(166)	y ^h anu'p ^h a	/yanupá/	"genipapó"
	i,k ^h o'p ^h a	/ikópá/	"todos"
(167)	i'p ^h u	/ipú/	"lagoa"
	i'p ^h ó	/ipó/	"mão dele"

Em conseqüência, distinguimos dois fonemas posteriores (arredondados) : / u / (| u | | u |) e / o / (| o | | o |). Entretanto, em posição acentuada, registra-se uma flutuação en-

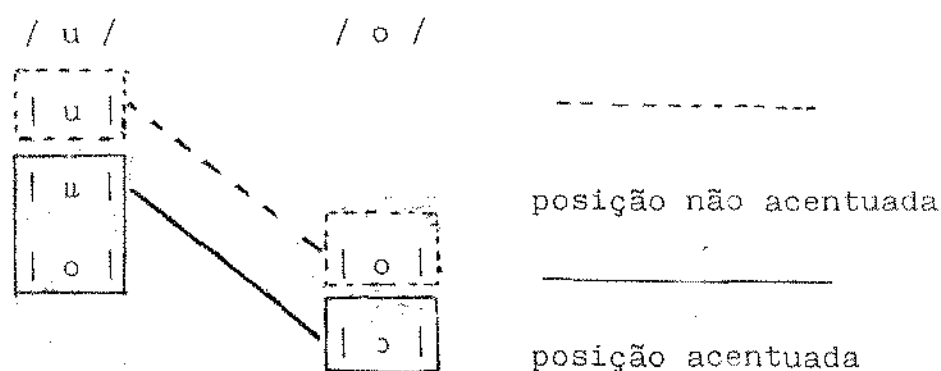
tre | u | e | o |, a qual porém, não interfere na oposição entre os fonemas / u / e / o /, já que nessa posição / o / é sempre o | :

(168)	i'p ^h u ~ i'p ^h o	/ipú/	"lagoa"
	i'p ^h o	/ipó/	"mão dele"
(169)	'r̃u ~ 'r̃o	/rú/	"trazer"
	i'r̃o	/iró/	"folha"
(170)	ka't ^h u ~ ka't ^h o	/katú/	"bom"
	pa'k ^h o	/pakó/	"banana"
(171)	tey'hu ~ tey'ho	/teyhú/	"queixada"
	ra'ho	/rahó/	"levar"

Assim o segmento | o | é alofone do fonema / u /, quando em sílaba acentuada, mas é alofone do fonema / o /, quando em sílaba átona :

	+ acento	- acento
/ u /	u ~ o	u
/ o /	o	o

Essa situação pode ser representada graficamente assim :



Sobre as realizações dos fonemas / u /, / o / e / e / veja também 6.2.

4.3.1.1 Oposições vocálicas orais

Apresentam-se abaixo exemplos de oposição entre os seis fonemas vocálicos do Guajá em contextos não nasais :

/ i / : / ĩ /

(172)	/wí/	'wü	"cozinhar"
	/wĩ/	'wu	"terra"
(173)	/pí/	'p ^h i	"picar"
	/pĩ/	'p ^h ĩ	"soprar"
(174)	/kĩčí/	k ^h ĩ'tšĩ	"cortar-se"
	/kĩtĩ	k ^h ĩ't ^h ĩ	"esfregar"
(175)	/kara?i/	kařa'?'ĩ	"homem branco"
	/hara?ĩ/	hařa'?'ĩ	"meu filho"

/ i / : / e /

(176)	/pí/	'p ^h i	"picar"
	/pé/	'p ^h e	"caminho"
(177)	/pirí/	p ^h i'řĩ	"calor"
	/piré/	p ^h i'ře	"pele"
(178)	/wiwí/	wü'wü	"leve"
	/wewé/	we'we	"voar"

/ e / : / a /

(179)	/piré/	p ^h i'ře	"pele"
	/pirá/	p ^h i'řa	"peixe"
(180)	/iwé/	i'we	"esp. de sapo"
	/iwá/	i'wá	"céu"

(181)	/pé/	'p ^h e	"caminho"
	/pá/	'p ^h a	"todos"
(182)	/yeyú/	ye'yú	"esp. de peixe"
	/yáyú/	,y ^h á'yú	"fruta madura"

/ a / : / é /

(183)	/pá/	'p ^h a	"todos"
	/pé/	'p ^h é	"pegar"
(184)	/ká/	'k ^h a	"marimbondo"
	/ké/	'k ^h é	"piolho"
(185)	/ihá/	i'ha	"enxergar"
	/ihé/	i'hé	"mãe dele"

/ a / : / o /

(186)	/a-/	a-	"eu"
	/o-/	o-	"êle"
(187)	/ipíá/	ip ^h i'a	"êle sobe"
	/ipió/	ip ^h i'ɔ	"êle abre"
(188)	/iká/	i'k ^h a	"matar"
	/ikó/	i'k ^h ɔ	"morar"
(189)	/pá/	'p ^h a	"todos"
	/pó/	'p ^h ɔ	"mão"

/ o / : / u / (+ acento)

(190)	/ipó/	i'p ^h ɔ	"mão dele"
	/ipú/	i'p ^h u	"lagoa"
(191)	/hakó/	ha'k ^h ɔ	"socó"
	/hakú/	ha'k ^h u	"quente"

(192)	/popó/	p ^o 'p ^h o	"pular"
	/pupú/	p ^h 'u'p ^h u	"coruja"
(194)	/hó/	'ho	"ir"
	/rú/	'řu	"trazer"
(195)	/yayó/	y ^h 'yo	"soluçar"
	/yáyú/	,y ^h 'yu	"fruta madura"
(196)	/pakó/	pa'k ^h o	"banana"
	/pakú/	pa'k ^h u	"pacu"

/ o / : / u / (- acento)

(197)	/orú/	o'řu	"barriga"
	/urú/	u'řu	"urubu"
(198)	/o?á/	o [?] 'a [?]	"êle cai"
	/u?ǎ/	u [?] 'ǎ [?]	"flecha"
(199)	/yapóhú/	y ^h ,p ^h o'hu	"redondo"
	/parúhú/	pa,řu'bu	"grávida"

/ u / : / ǎ /

(200)	/u?ú/	u [?] 'u [?]	"comer"
	/ǎ?ú/	ǎ [?] 'u [?]	"beber"
(201)	/kitú/	kí't ^h u	"furar"
	/kǎtǎ/	k ^h ǎ't ^h ǎ	"esfregar"
(202)	/tú/	't ^h u	"pai"
	/tǎ/	't ^h ǎ	"atirar"
(203)	/pú/	'p ^h u	"furar"
	/pǎ/	'p ^h ǎ	"segurar"
(204)	/rurú/	řu'řu	"inchado"
	/rǎrǎ/	řǎ'řǎ	"tremer"

4.3.2 Vogais nasais

Além dos segmentos vocálicos orais, considerados acima, a língua Guajá tem também segmentos vocálicos nasalizados, como se pode ver no quadro geral dos segmentos fonéticos (cf. 2.1.1.2, 2.1.1.3 e 2.1.2).

Considerando a distribuição desses segmentos vocálicos nasalizados, observamos que, em regra, numa mesma palavra podem ocorrer um ou mais deles, mas sempre que isso acontece, o segmento vocálico da sílaba acentuada é nasalizado. Em outros termos, quero dizer que existem palavras cuja sílaba acentuada tem um segmento vocálico nasalizado e que podem apresentar outros segmentos vocálicos nasalizados em sílabas não acentuadas. Mas não se encontram palavras cuja sílaba acentuada tenha um segmento vocálico oral e que apresentem segmentos vocálicos nasalizados em sílabas não acentuadas.

4.3.2.1 Segmentos nasais

Aos fonemas orais / i /, / e /, / ɛ / e / a / correspondem os fonemas nasais / ã /, / ẽ /, / ɛ̃ / e / ã /, que se realizam como | ã |, | ẽ |, | ɛ̃ | e | ã |, na sílaba acentuada :

(205)	/haʔí/	há'ʔi	"vários"
	/haʔĩ/	há'ʔĩ	"caroço"
(206)	/aʔí/	a'ʔi	"sim"
	/aʔĩ/	a'ʔĩ	"eu falo"
(207)	/amé/	á'me	"apagar"
	/amẽ/	á'mẽ	"afiada (faca)"

(208)	/wewé/	we'we	"voar"
	/he?ẽ/	hẽ'?'ẽ	"doce"
(209)	/mĩtĩ/	mĩ't ^h ĩ	"respirar"
	/mĩtĩ̃/	mĩ't ^h ĩ̃	"puxar"
(210)	/imahĩ/	ĩma'hĩ	"zangado"
	/amĩhĩ̃/	amĩ'hĩ̃	"estar com fome"
(211)	/tapá/	ta'p ^h a	"secar"
	/tapã/	ta'p ^h ã	"trovão"
(212)	/káy/	'k ^h ay	"queimar"
	/kãý/	'k ^h ãý	"perder"

A vogal central baixa / a /, quando fracamente nasalizada (cf. 2.2), realiza-se | $\underset{\sim}{a}$ | (cf. exs. (205), (206), (207) e (210)). Em ambiente plenamente nasal realiza-se | ã | (cf. exs (211) e (212)). Com referência à direção e gradação da nasalidade, cf. abaixo 4.3.2.2 e 4.3.2.3 .

Os fonemas posteriores nasais, em posição acentuada, neutralizam a oposição de altura, realizando-se ora | \tilde{u} |, ora | \tilde{o} |:

(213)	't ^h ũ ~ 't ^h õ	/tũ/	"cheirar"
(214)	'tšũ ~ 'tšõ	/cũ/	"branco"
(215)	'nũ ~ 'nõ	/nũ/	"ouvir"
(216)	wã'nũ ~ wã'nõ	/wa ^r ũ/	"esperar"
(217)	yã'nũ ~ yã'nõ	/yarũ/	"zangado"
(218)	mĩ't ^h ũ ~ mĩ't ^h õ	/mĩtũ/	"mutum"
(219)	yã'nũ ~ yã'nõ	/yanũ/	"aranha"
(220)	p ^h ĩ'hũ ~ p ^h ĩ'hõ	/pihũ/	"preto"
(221)	i,wa'k ^h ũ ~ i,wa'k ^h õ	/iwákũ/	"tipo de nuvem"
(222)	yãmu'k ^h ũ ~ yãmu'k ^h õ	/yamukũ/	"língua dele"

4.3.2.2 Extensão da nasalidade

Os segmentos vocálicos plenamente nasais do Guajá ocorrem sempre em posição tônica, que é a posição final de morfema (cf. 2.2 e 4.2.1 e 4.2.2). A nasalidade da vogal tônica se estende para as vogais das sílabas precedentes, produzindo vogais nasalizadas, cuja nasalidade não é distintiva :

(223)	p ^h u'nũ ~ p ^h u'nõ	/punũ/	"peidar"
(224)	p ^h ʔ ² ã	/paʔã/	"ficar de pé"
(225)	wĩ'hẽ	/wihẽ/	"semente"
(226)	hãwĩ'hã	/hawĩhã/	"minha veia"
(227)	ipãrãwã	/iparawã/	"umbigo dele"
(228)	ã'yã	/ayã/	"anhanga"

Esta nasalidade, como se vê nos exemplos acima, estende-se para a esquerda através dos segmentos assilábicos não obstruintes. Se, no entanto, a palavra contiver um segmento obstruinte, este interromperá a propagação da nasalidade :

(229)	a'k ^h ã	/akã/	"cabeça"
(230)	i'kwẽ	/ik ^w ẽ/	"vivo"
(231)	ta,t ^h a'tšĩ	/tatáčĩ/	"fumaça"

Fontes alternativas de nasalidade vocálica não pertinentes são as sonorantes nasais que nasalizam as vogais que as precedem, independentemente da natureza da sílaba tônica :

(232)	p ^h ĩ'na	/piná/	"anzol"
(233)	tãmẽnu [?] ʔ [?] ã	/tamanuʔã/	"tamanduá"

Em posição inicial de tema lexical, a nasalidade da sonorante se estende à vogal que a segue:

- (234) |makwá'řri| ~ |m_Δgwá'řri| /mak^warí/ "maguari"
 (235) |ma[?]'a[?]| ~ |m_Δ[?]'a[?]| /ma[?]á/ "o que?"
 (236) |nakwá[?]'a[?]| ~ |n_Δkwa[?]'a[?]| /nak^wa[?]ã/ "não sei"

A nasalidade provocada pela sonorante nasal pode ainda coincidir com aquela que é produzida pela vogal tônica:

- (237) |mõ'mõ| /momũ/ "atirar"
 (238) |kẽř_Δmu'hõ| /keramuhũ/ "roncar"
 (239) |mõmõ[?]'õ[?]| /momo[?]ũ/ "contar"

Os segmentos sonorantes contínuos bilabial, álveo-palatal e dental /w/, /y/ e /ř/ não apenas permitem a passagem da nasalidade, o que é compartilhado pelos fonemas glotais /h/ e /ʔ/, como também se nasalizam eles mesmos, como se vê nos exemplos (225)-(228).

Como se pode perceber do que foi dito acima, a nasalização regressiva na língua Guajá tem como ponto de partida a propriedade [+nasal] que coocorre com o acento da sílaba tônica, nasalizando assim a vogal que ocupa essa posição. Daí se estende para a esquerda, caso não haja nenhum segmento obstruinte que lhe barre a passagem, e se caracteriza por ser um processo assimilatório em que os segmentos silábicos orais adotam a propriedade [+nasal] do segmento silábico acentuado.

4.3.2.3 Graus de nasalidade

Vogais plenamente nasais são aquelas que se encontram em posição acentuada :

(240)	i [?] a [?] i [?] t ^h ã	/i [?] a [?] itã/	"pomo-de-Adão"
(241)	i _p ^h o ^h 'k ^h õ	/ipókũ/	"polegar (mão)"

Vogais fracamente nasais são as demais vogais à esquerda da vogal plenamente nasal, nasalizadas de acordo com a regra de extensão da nasalidade (cf. 4.3.2.2) :

(242)	i [?] 'i [?]	/i [?] ĩ/	"falar"
(243)	mē [?] 'e [?]	/me [?] ẽ/	"acordar"
(244)	p ^h ip ^h 'inẽ	/p ^h ip ^h inẽ/	"bater (com o pé)"
(245)	p ^h u _u 'nũ	/punũ/	"peidar"

Porém se o segmento vocálico se encontra entre segmentos assilábicos nasais | m |, | n |, ou nasalizados | ã |, | õ |, dá-se um reforço de nasalidade que torna uma vogal fracamente nasal em fortemente nasal :

(246)	mĩ'nõ	/minũ/	"ato sexual"
(247)	mã _n ,nēm _j 'hẽ	/manémihẽ/	"ontem"
(248)	mã'nẽ	/manẽ/	"acender"
(249)	imĩ'mã _r	/imimã _r /	"filho pequeno"
(250)	wã'nũ	/wa _r ũ/	"esperar"
(251)	yã'nũ	/yanũ/	"aranha"
(252)	yã'nũ	/yanũ/	"zangado"

Vogais átonas fortemente nasais ocorrem também quando separadas da vogal tônica por um dos sons glotais / h / ou / ʔ / :

(253)	p ^h ĩ'hũ	/pihũ/	"preto"
(254)	wĩ'hẽ	/wihẽ/	"semente"
(255)	hã ^ʔ 'ĩ ^ʔ	/haʔĩ/	"caroço"
(256)	p ^h ã ^ʔ 'ã ^ʔ	/paʔã/	"ficar de pé"

A distinção entre vogais fortemente nasais e vogais fracamente nasais se torna mais clara quando se considera o comportamento do fonema vocálico central baixo / a /, que se manifesta qualitativamente distinto, realizando-se como |ã|, em ambiente de forte nasalidade, e como |a|, em ambiente de fraca nasalidade :

(257)	mã,nõmã'nõ	/manũmanũ/	"trabalhar"
(258)	k _a 'mã	/kamã/	"seio"

4.3.2.4 Hipóteses sobre a nasalidade

Considerando que a nasalidade, mais que um traço do segmento silábico tônico, parece ser um fenômeno suprasegmental, em nível de palavra, desencadeado pela presença do acento de intensidade com o traço |+nasal|, pode-se arriscar uma interpretação um pouco mais abstrata da nasalidade em Guajá. Ou seja: já que é o acento de intensidade a fonte primordial do processo de nasalização nesta língua, verifica-se a existência de uma relação estreita entre o traço |+nasal| e o acento de intensidade. Atribuir a este acento o traço |⁺nasal|, e associá-lo a uma regra de nasalização como a que foi descrita em

4.3.2.2, eliminaria a necessidade de postular vogais fonêmicamente nasais. Assim, pode obter-se um quadro bem mais simplificado dos fonemas vocálicos, constituído apenas por vogais orais simples. Resta apenas admitir uma oposição fonológica entre o acento oral | ' | e o acento nasal | ~ |, associando a ocorrência deste último ao desencadeamento de uma regra de nasalização regressiva que dá conta do processo de nasalização anteriormente descrito.

4.3.2.5 Oposições vocálicas com acento oral e nasal

Apresentam-se a seguir exemplos de oposição entre os fonemas vocálicos com acento oral e nasal :

(259)	h [?] a'ʔi [?]	/haʔí/	"vários"
	h _Δ [?] a'ʔĩ [?]	/haʔĩ/	"caroço"
(260)	p ^h i'ri	/pirí/	"calor"
	mĩ'riĩ	/mirĩ/	"pequeno"
(261)	y _Δ 'tši	/yačí/	"ombro"
	y _Δ 'tšiĩ	/yačíĩ/	"espirrar"
(262)	_Δ 'me	/amé/	"apagar"
	_Δ 'mẽ	/amẽ/	"afiado"
(263)	we'we	/wewé/	"voar"
	h _~ [?] e'ʔẽ [?]	/heʔẽ/	"doce"
(264)	i _~ ma'h _~	/imahí/	"zangado"
	_Δ mĩ'hĩ	/amĩhĩ/	"estar com fome"
(265)	mĩ't ^h ĩ	/mití/	"fumo"
	mĩ't ^h ĩĩ	/mitĩ/	"puxar"
(266)	i'k ^h a	/iká/	"matar"
	i'k ^h ã	/ikã/	"seco"

(267)	'y _Λ	/yá/	"abrir a flor"
	'yã	/yã/	"cantar"
(268)	'k ^h ay	/káy/	"queimar"
	'k ^h ãy	/kãy/	"perder"

4.3.3 Vogais laringalizadas

Segmentos vocálicos, nasalizados ou não, podem ocorrer laringalizados quando contíguos ao segmento glotal não contínuo [ʔ], sendo portanto considerados alofones dos fonemas vocálicos correspondentes :

(270)	má ^ʔ i ^ʔ 'wa	/ma ^ʔ i ^ʔ wá/	"fruta"
(271)	h _Δ ^ʔ i ^ʔ 'i ^ʔ	/ha ^ʔ i ^ʔ ĩ/	"coçar"
(272)	h _Δ ma ^ʔ 'é ^ʔ	/hama ^ʔ é/	"é meu"
(273)	h _Δ e ^ʔ 'ê ^ʔ	/he ^ʔ ẽ/	"doce"
(274)	ú ^ʔ 'í ^ʔ	/u ^ʔ í/	"flecha"
(275)	ó ^ʔ 'á ^ʔ	/o ^ʔ á/	"ê ele cai"
(276)	i ^ʔ 'ã ^ʔ	/i ^ʔ ã/	"coração"
(277)	u ^ʔ 'ú ^ʔ	/u ^ʔ ú/	"comer"
(278)	p ^h i ^ʔ 'ũ ^ʔ	/pi ^ʔ ũ/	"pium"
(279)	pəp ^ʔ 'ó ^ʔ	/popo ^ʔ ó/	"depenar"
(280)	mõmo ^ʔ 'õ ^ʔ	/momo ^ʔ ũ/	"contar"

Em estilo de fala não tenso, ou maior velocidade de fala, não se dá a oclusão da glote, permanecendo entretanto a laringalização dos segmentos vocálicos :

(270a)	má ^ʔ i ^ʔ 'ua
(271a)	h _Δ i ^ʔ 'ĩ

- (272a) |h₅ama'e|
 (273a) |he'e|
 (274a) |u'±|
 (275a) |o'a|
 (276a) |i'ã|
 (277a) |u'u|
 (278a) |p^hi'u|
 (279a) |pɔpɔ'ɔ|
 (280a) |mõmõ'o|

Estes casos são interpretados como contendo um fonema / ? / e os segmentos vocálicos laringalizados que revelam a sua existência são, como nos demais casos, variantes alofônicas dos respectivos fonemas vocálicos.

4.3.4 Vogais surdas

As vogais altas / i /, / ± / e / u / podem realizar-se como os segmentos surdos | ɨ |, | ɥ | e | ʉ |, de acordo com menor tensão / maior velocidade de fala, em sílabas que precedem a sílaba final, acentuada primária ou secundariamente, em palavras de três ou mais sílabas, preferencialmente. Nesses casos, o segmento assilábico antecedente é sempre uma sonorante não vocálica :

- | | | | |
|-------|---|--------------|-------------------|
| (281) | wãni'hã | /wanihã/ | "marido" |
| (282) | yapɔp ^h ɔmɥ't ^h e | /yapopómɥté/ | "meio das costas" |
| (283) | wa,t ^h ɥr'ɥ'hu | /wɥtáruhú/ | "monte alto" |

4.3.5 Quadro dos fonemas vocálicos

Fonemas vocálicos silábicos

	anteriores	centrais	posteriores
	não arredondados		arredondados
altos	i	ɨ	u
não altos	e	a	o

4.4 Consoantes4.4.1 Glotaís

Os fonemas glotaís não contínuo / ʔ / e contínuo / h / ocorrem diante de todas as vogais :

Glotal contínuo / h /

(284)	maka'hi	/makahí/	"macaxeira"
(285)	i'hĩ	/ihĩ/	"escorregadio"
(286)	he'he	/hehé/	"lavar"
(287)	mã,nēm _i 'hẽ	/manēmihẽ/	"ontem"
(288)	ĩma'hɨ	/imahɨ/	"zangado"
(289)	am _i 'hɨ	/amɨhɨ/	"estar com fome"
(290)	i'ha	/ihá/	"eu"
(291)	põ'hõ	/pohã/	"remédio"
(292)	řa'hɔ	/rahó/	"levar"
(293)	mat _Δ ř _Δ 'hõ	/matarahũ/	"turvo"
(294)	hu'hu	/huhú/	"vomitar"
(295)	p ^h _i 'hũ	/pihũ/	"preto"

(296)	mu'huy	/muhúy/	"sonho"
(297)	\ 'hãỹ	/hãỹ/	"dente"

Glotal não contínua / ʔ /

O fonema glotal não contínuo / ʔ / laringaliza as vogais adjacentes (vide 4.3.3). Quando em maior velocidade / menor tensão de fala não se percebe a realização da oclusão glotal, permanecendo contudo a laringalização das vogais (cf. exemplos (270) - (280) e (270a) - (280a)).

4.4.2 Supra - glotais

4.4.2.1 Obstruintes

Os segmentos assilábicos obstruintes | p |, | p^h | e | b | distribuem-se complementarmente, ocorrendo o segmento aspirado em posição tônica ou, quando em posição não acentuada, diante das vogais altas / i /, / ɨ / e / u /. O segmento não aspirado ocorre sempre em posição não acentuada, diante das vogais baixas / e /, / a / e / o / :

(298)	wɔ'ʔapa'p ^h a	/warapapá/	"arapapa"
(299)	ta'p ^h ã	/tapã/	"trovão"
(300)	ap ^h i'p ^h i	/apipí/	"eu varro"
(301)	p ^h ɨ'p ^h ɨ	/pɨpɨ/	"afundar"
(302)	p ^h u'k ^h u	/pukú/	"comprido"
(303)	pɔ'p ^h ɔ	/popó/	"pular"
(304)	\ 'p ^h ɛ'be	/pépé/	"longe"

O segmento vozeado [b] ocorre em variação livre com [p] e [p^h] :

- (305) |ip^hip^hi'ã|~|ibip^hi'ã|~|ibibi'ã| /ipípiã/ "s/garra"
 (306) |yapařa'p^hã|~|yapařa'bã| /yaparapã/ "bater"

Por essa razão [p], [p^h] e [b] são considerados alofones do fonema /p/.

Analogamente comportam-se os segmentos obstruintes [t], [t^h], [d] e [k], [k^h], [g], sendo os primeiros alofones do fonema /t/, e os últimos, alofones do fonema /k/ :

- (307) |t^hi'yũ| /teyú/ "teiú"
 (308) |me't^hek^h| /meték/ "bater"
 (309) |₂myat^hĩ't^hĩ| /amiatĩtĩ/ "eu sacudo"
 (310) |ta't^ha| /tatá/ "fogo"
 (311) |t^hu'k^huřa| /tukúr/ "gafanhoto"
 (312) |wa't^hu| /wítú/ "vento"
 (313) |kĩ't^hu| /kítú/ "furar"
 (314) |a,p^hĩ'k^hĩ| /apíkí/ "eu aperto"
 (315) |ka'ʔə| /kaʔá/ "mato"
 (316) |ma'k^ha| /maká/ "rir"
 (317) |y₂'ʔāmi,t^ha| ~ /yaʔāmitá/ "vai florir"
 |y₂'ʔāmi,da|
 (318) |iřa't^hĩ|~|iřa'dĩ| /iratĩ/ "cera"
 (319) |i,k^hĩk^huřu'hu| ~ /ikíkuruhú/ "áspero"
 |i,gĩk^huřu'hu|
 (320) |hā'ʔóke,řa| ~ /haʔókerá/ "carne"
 |hā'ʔóge,řa|

- (321) |p^h_i,řai'k^ha| ~ /piráiká/ "pescar"
|p^h_i,řai'ga|

O fonema / k / possui ainda um alofone palatalizado | ḳ |, que se realiza diante das vogais anteriores / i / e / e / :

- (322) |íkí'řa| /ikirá/ "banha dele"
(323) |ḳí'ye| /kiyé/ "temer"
(324) |ké'ře| /keré/ "dormir"
(325) |ké| /ké/ "bambu"

Os segmentos assilábicos complexos lábio-velares | kw | e | gw |, assim como os africados álveo-palatais | tš | e | dž | alternam-se em variação livre :

- (326) |makw^w'ři| ~ |m^wagw^w'ři| /mak^warí/ "maguari"
(327) |,ʔ^ʔə'tša| ~ |,ʔ^ʔə'dža| /ʔ^ʔačá/ "eu vejo"
(328) |i,k^ho'tši| ~ |i,go'dži| /ikóčí/ "está aqui"

O fonema africado / č / pode ocorrer com relaxamento de oclusão, realizando-se como a fricativa | š | :

- (329) |ka'tšā| ~ |ka'šā| /kačā/ "catinga"
(330) |p^h_i'tši| ~ |p^h_i'ši| /pičí/ "pequeno"
(331) |tšitši'be| ~ |tšiši'be| /čičipé/ "esp. de fruta"

O / č / ainda flutua com uma realização pré-palatalizada :

- (332) |a'tša| ~ |ay'tša| /ačá/ "eu vejo"
(333) |y^ʌ'tši| ~ |y^ʌy'tši| /yačí/ "ombro dele"

4.4.2.2 Sonorantes4.4.2.2.1 Nasais

Os segmentos sonorantes nasais | m | e | n | alternam-se livremente com os segmentos pré-nasalizados | mb | e | nd | e são considerados alofones dos fonemas / m / e / n /, respectivamente :

- (334) |i, r̥ami'ri| ~ |i, n̥ambi'ri| /irámiri/ "passarinho"
 (335) |ké, ře_Δ'm̥p| ~ |ké, ře_Δ'mbu| /keréamú/ "roncar"
 (336) |_Δi[?]'?ĩneři'k^hɔ| ~ /ai[?]ĩneřekó/ "eu falo com
 |_Δi[?]'?ĩndeři'k^hɔ| "você (?)"

Essa alternância não é encontrada diante de segmentos vocálicos nasais; aí só ocorrem os alofones | m | e | n | :

- (337) |inã'mĩ| /inamĩ/ "orelha dele"
 (338) |_Δ'mẽ| /amẽ/ "eu apago"
 (339) |mẽ'nõ| /manõ/ "morrer"
 (340) |'nũ| /nũ/ "escutar"

Há exemplos de ocorrência labializada | mw | do fonema / m / (cf. 5.2) :

- (341) |mwü'řa| ~ |mi'řa| /mirá/ "árvore"

Na posição final de palavra o fonema nasal dental / n / realiza-se | n̥ |, com soltura vocálica :

(342)	taka'p ^h ĩnə	/takapĩn/	"esp. de ave"
(343)	'mēnə	/mén/	"marido"
(344)	i'mēnə	/imán/	"é velho"
(345)	ta'p ^h ãnə	/tapán/	"trovão"

As formas acima alternam livremente com formas em que a vogal que precede a consoante nasal é nasalizada, enquanto a consoante deixa de realizar-se :

(342a)	taka'p ^h ĩ
(343a)	'mẽ
(344a)	i'mẽ
(345a)	ta'p ^h ã

Este fato acima é semelhante ao que ocorre com a sonorante contínua não-vocálica / ʀ̃ / (vide 4.4.2.2.2 b).

4.4.2.2.2 Orais

4.4.2.2.2.a Vocálicos

Os segmentos sonorantes vocálicos assilábicos | w | e | ã̃ | alternam-se complementarmente, ocorrendo o segundo em ambiente nasal :

(346)	'wũ	/wí/	"cozinhar"
(347)	ha'weřə	/hawér/	"folha"
(348)	y _Λ wã'wũ	/yawawí/	"sovaco"
(349)	wũ't ^h ũ	/wítú/	"vento"
(350)	ip _Δ ř _Δ 'wã̃	/iparawã/	"umbigo dele"
(351)	i,wuk _Δ 'wã̃	/iwákawã/	"buraco nocéu"

(352) |wãni'hã| /wanihã/ "homem"

|w| e |w̃| estão, portanto, em distribuição complementar e são alofones do fonema /w/.

De modo semelhante comportam-se os segmentos sonorantes vocálicos assilábicos |y| e |ỹ|:

(353)	yλka,ře'řã	/yakarérã/	"camaleão"
(354)	yλ'k ^h u	/yakú/	"jacu"
(355)	yu	/yú/	"amarelo"
(356)	yλwd'łši	/yawačí/	"jaboti"
(357)	ipλ'yã	/ipayã/	"tornozelo"
(358)	kwã'yã	/k ^w ayã/	"mulher"
(359)	ỹλmu'k ^h ũ	/yamukũ/	"língua dele"
(360)	'hãỹ	/hãỹ/	"dente"

|y| w |ỹ| são considerados alofones do fonema /y/.

Os fonemas sonorantes orais vocálicos bilabial e álveo-palatal /w/ e /y/ possuem alofones fricativos. O fonema bilabial, diante da vogal anterior não alta /e/, varia livremente com a fricativa bilabial |b|:

(361)	we'we ~ be'be	/wewé/	"voar"
(362)	awe'hu ~ abe'hu	/awehú/	"ser mítico"

O fonema álveo-palatal /y/, diante da vogal posterior alta |u|, varia livremente com a fricativa álveo-palatal |ž|:

(363)	a'y _u ,t ^h a'ʔɨbɪ ~ a'ž _u ,t ^h a'ʔɨbɪ	/ayútá ʔípe/	"virei pelo rio"
-------	--	--------------	---------------------

4.4.2.2.2.b Não vocálicos

Os segmentos sonorantes orais não vocálicos | ř | e | ŋ | alternam-se complementarmente, o segundo ocorrendo só em ambiente nasal, em variação livre com o primeiro. São portanto, alofones de um mesmo fonema / r / :

(364)	wa'ři	/warí/	"guariba"
(365)	ří'ři	/rírí/	"tremer"
(366)	k ^h ří'ru	/kirírú/	"esp. de sapo"
(367)	wü,t ^h ei'řo	/witéiró/	"folha de jatoba-
(368)	p ^h řá'řã ~ p ^h ř'ňã	/parã/	"bonito" zinho"
(369)	p ^h ř'řã ~ p ^h ř'ňã	/pirã/	"vermelho"
(370)	řámõ ~ ňã'mõ	/ramõ/	"agora"
(371)	i,řámi'ři ~ i,ňãmbi'ři	/irámirí/	"passarinho"

Assim como o fonema sonorante nasal dental / n / (cf. 4.4.2.2.1), o fonema sonorante oral não vocálico dental / r /, quando em posição final de palavra, realiza-se com solução vocálica | řə |, alternando-se com ∅ :

(372)	yá'wařə ~ yá'wa	/yawár/	"cachorro"
(373)	t ^h u'k ^h řə ~ t ^h u'k ^h u	/tukúr/	"gafanhoto"

4.4.3 Oposições consonantais

A seguir, exemplos de oposição entre os doze fonemas assilábicos do Guajá :

/ p / : / m /

(374)	/panã/	p ^h _Δ 'nã	"borboleta"
	/maná/	mã'na	"dar"
(375)	/pařó/	pa'p ^h _o	"asa"
	/mapô/	ma'p ^h _o	"disparar"
(376)	/apó/	a'p ^h _o	"fazer"
	/amõ/	Δ'mõ	"outro"

/ p / : / w /

(377)	/pĩ/	'p ^h _ĩ	"pé"
	/wĩ/	'wũ	"terra"
(378)	/apĩ/	a'p ^h _ĩ	"eu pego"
	/awĩ/	a'wũ	"atirar(mas errar)"
(379)	/pirá/	p ^h i'řa	"peixe"
	/wirá/	wũ'řa	"pau"

/ t / e / č /

(380)	/tũ/	't ^h _ũ	"cheirar"
	/čũ/	'tšũ	"branco"
(381)	/watá/	wa't ^h _a	"andar"
	/ačá/	a'tša	"eu vejo"
(382)	/hatã/	ha't ^h _ã	"duro"
	/kačã/	ka'tšã	"fedor"

/ m / : / w /

(383)	/amé/	Δ'me	"apagar"
	/iwé/	i'we	"ter sede"

(384)	/hamã̃y/	h _Λ 'mã̃y	"grande"
	/hawá̃y/	ha'way	"rabo"
(385)	/maká/	ma'k ^h a	"espingarda"
	/watá/	wa't ^h a	"andar"

/ k / : / ʔ /

(386)	/maká/	ma'k ^h a	"rir"
	/maʔá/	ma'ʔa	"o quê?"
(387)	/kará/	ka'řa	"cará"
	/ʔará/	ʔa'řa	"cabelo"
(388)	/hakó/	ha'k ^h ʔ	"socó"
	/haʔó/	ha'ʔʔ	"carne"

/ r / : / n /

(389)	/pirá/	p ^h i'řa	"peixe"
	/piná/	p ^h i'na	"anzol"
(390)	/parã/	p _Λ 'řã	"bonito"
	/panã/	p _Λ 'nã	"borboleta"
(391)	/rú/	'řu	"trazer"
	/nũ/	'nũ	"ouvir"
(392)	/yarũ/	y _Λ 'řũ	"bravo"
	/yanũ/	y _Λ 'nũ	"aranha"

/ t / : / n /

(393)	/tũ/	't ^h ũ	"cheirar"
	/nũ/	'nũ	"ouvir"
(394)	/yatú/	y _Λ 't ^h u	"sujo"
	/yanũ/	y _Λ 'nũ	"aranha"

(395)	/yaté/	y ʌ't ^h e	"muito"
	/yané/	yã'ne	"nós (incl.)"

/ c / : / y /

(396)	/čũ/	'tšũ	"branco"
	/yú/	'yu	"amarelo"
(397)	/kačã/	ka'tšã	"mau cheiro"
	/ayã/	ã'yã	"anhanga"

/ c / : / k /

(398)	/čá/	'tša	"ver"
	/ká/	'k ^h a	"marimbondo"
(399)	/ačá/	a'tša	"eu vejo"
	/aká/	a'k ^h a	"procurar"
(400)	/čũ/	'tšũ	"branco"
	/iwakũ/	iwa'k ^h õ	"nuvem"

/ k / : / k^w /

(401)	/iká/	i'k ^h a	"matar"
	/ik ^w a/	i'kwa	"buraco"
(402)	/akáy/	a'kay	"eu queimo"
	/hak ^w áy/	ha'kway	"cavar"
(403)	/takí/	ta'k ^h ĩ	"faca"
	/tik ^w ĩ/	t ^h ĩ'kwĩ	"caldo"

/ k^w / : / w /

(404)	/hak ^w áy/	ha'kway	"cavar"
	/hawáy/	ha'way	"rabo"

(405)	/ak ^w á/	a'kway	"eu sei"
	/awá/	a'wu	"homem"
(406)	/ik ^w e/	i'kwe	"está vivo"
	/iwé/	i'we	"esp.de sapo"

/ h / : / ? /

(407)	/hahí/	ha'hí	"doído"
	/ha?í/	ha'í	"meu filho"
(408)	/ihá/	i'ha	"eu"
	/i'á/	i'á	"fruta"

4.4.4 Quadro dos fonemas assilábicos

4.4.4.1 Glottais

Fonemas assilábicos glottais

contínuo	h
não contínuo	?

4.4.4.2 Supra - glottais

Fonemas assilábicos supra-glottais

	bilabial		dental	álveo- palatal	vélar	lábio- velar
Obstruinte simples	p	t			k	
complexo				č		k ^w
Sonorante						
nasal	m	n				
oral vocálico	w			y		
não vocálico		r				

INSTABILIDADE FONOLÓGICA

Há em Guajá vários casos de itens lexicais que se apresentam sob duas formas que se diferenciam apenas pela comutação de fonemas articulatoriamente afins.

Um caso, é o da comutação de / k / e / č /, certamente uma neutralização da oposição entre os dois fonemas diante de / i /, mantendo, em variação livre, as duas realizações : a oclusiva e a africada (ressalte-se que esse é o contexto em que a oclusiva / k / tem um alofone palatalizado | ḳ | . :

(409)	/akičǐ/ ~	aki'tšǐ	"eu corto"
	/akikǐ/	aki'ki	
(410)	/kičú/ ~	ki'tšu	"cuxiu"
	/čičú/	tšǐ'tšu	
(411)	/kiyé/ ~	ki'ye	"ter medo"
	/čiyé/	tšǐ'ye	

(412)	/pirárákí/	p ^h i, řaře'kí	"espinha de peixe"
	/pirárací/	p ^h i, řaře'tši	
(413)	/tatáratákĩ/	ta, t ^h ařa, t ^h a'kĩ	"fumaça"
	/tatáratací/	ta, t ^h ařa, t ^h a'tši	
(414)	/ké/	"ké	"bambu"
	/čé/	"tše	

Outro caso é a comutação entre / w / e / k^w /

(416)	/wačí/~ /k ^w ačí/	"milho"
(416)	/waté/~ /k ^w até/	"em cima"
(417)	/wayã/~ /k ^w ayã/	"mulher"
(418)	/yapewá/~ /yapek ^w á/	"ouvido"

que se dá sempre diante de / a /.

Há ainda a comutação, aparentemente livre, entre / p / e / m /

(419)	/pakó/~ /makó/	"banana"
(420)	/pičí/~ /mičí/	"pequeno"
(421)	/apítá/~ /amítá/	"esp. de urubu"
(422)	/ipukú/~ /imukú/	"é comprido"
(423)	/čapakáy/~ /čamakáy/	"galinha"
(424)	/irapíkã/~ /iramíkã/	"pescoço"

que poderia ser o resultado de um processo diacrônico envolven-

do o apagamento da distinção entre fonemas diversamente condicionados, associado a processos de extensão analógica (cf. cap. 6).

Ocorrem ainda variantes em que o / w / alterna livremente com / m / e/ou com \emptyset :

- | | | |
|-------|-----------------------------|---------------|
| (425) | /wirá/~ /mirá/~ /irá/ | "pau" |
| (426) | /wirarã/~ /mirarã/~ /irarã/ | "esp. de ave" |
| (427) | /witá/~ /itá/ | "pedra" |
| (428) | /hatawã/~ /hatamã/ | "minha perna" |

Nos casos acima em que o / m / ocorre diante de / i / registra-se uma variante fonética labializada | mw | .

Entre os fonemas vocálicos ocorre livremente comutação entre / u / e / \pm /

- | | | |
|-------|----------------------|------------------|
| (429) | /katú/~ /katí/ | "bom" |
| (430) | /pupú/~ /p \pm pí/ | "esp. de coruja" |

E também, o fonema vocálico / a / alterna, em posição acentuada, com a seqüência | ay |, em algumas palavras :

- | | | |
|-------|------------------------|--------------|
| (431) | /ká/ | "banha" |
| | /iká/~ /ikáy/~ /ikáyr/ | "banha dele" |

- | | | |
|-------|--------------------------|-------------|
| (432) | /kã/ | "osso" |
| | /ikã/ ~ /ikãy/ ~ /ikãin/ | "osso dele" |
| (433) | /tatapá/ ~ /tatapáy/ | "cinza" |

Há, entretanto, ocorrências da seqüência /ay/ em sílaba tônica, para as quais não se encontrou uma contraparte não ditongada:

- | | | |
|-------|-----------|------------|
| (434) | /čapakáy/ | "galinha" |
| (435) | /mičikáy/ | "pequeno" |
| (436) | /ipáy/ | "é pesado" |

HARMONIA VOCÁLICA

6.1 Evidências histórico-comparativas

Para o estabelecimento dos processos de harmonia ocorrentes nas vogais comparei formas Guajá com seus cognatos na língua Tupinambá (Barbosa 1967,1970 e Rodrigues, em comunicação pessoal). Este procedimento parte do pressuposto de que as formas Tupinambá, pelo menos no que diz respeito às vogais, estão mais próximas das que podem ser reconstruídas para o Proto-Tupi-Guarani. A isso acresce o fato de ser mais acessível o material lexical Tupinambá.

O conjunto de dados abaixo mostra que no Guajá as vogais pré-tônicas assimilaram as propriedades características da respectiva vogal tônica:

	<u>Tupinambá</u>	<u>Guajá</u>	
(437)	/petím/	/mítí/	"fumo"
(438)	/bebíy/	/wíwí/	"leve"
(439)	/memír/	/mímír/	"filho"
(440)	/potír/	/mítí/	"flor"
(441)	/po?ír/	/pí?ír/	"colar"
(442)	/posíy/	/píy/ (< píy)	"pesado"
(443)	/moník/	/míní/	"acender"
(444)	/ekár/	/aká/	"procurar"
(445)	/tipáb/	/tapá/	"seco (rio)"
(446)	/obá/	/awá/	"rosto"
(447)	/poráŋ/	/parã/	"bonito"
(448)	/mokáb/	/maká/	"espingarda"
(449)	/uwáy/	/awáy/	"rabo"
(450)	/puká/	/maká/	"rir"
(451)	/tukán/	/takã/	"tucano"
(452)	/tupán/	/tapã/	"trovão"
(453)	/kuyã/	/k ^w ayã/	"mulher"
(454)	/puruã/	/parawã/	"umbigo"
(455)	/tukumã/	/takamã/	"coco de tucum"
(456)	/apurupã/	/aparapã/	"bater"
(457)	/sapukáy/	/čamakáy/	"galinha"
(458)	/etímã/	/atamã/	"perna"
(459)	/apekũ/	/amukũ/	"língua"
(460)	/pínõ/	/punũ/	"peidar"
(461)	/pepó/	/popó/	"asa"
(462)	/yapepó/	/yapopó/	"panela"
(463)	/apítĩ/	/amičĩ/	"amarrar"
(464)	/kítĩ/	/kičĩ/	"cortar"
(465)	/potí/	/mičí/	"fezes"
(466)	/rupí/	/ripí/	"por"

A harmonia causada por essa assimilação afeta não apenas as vogais das sílabas que precedem imediatamente a tônica, mas também sílabas mais afastadas, em palavras de três ou quatro sílabas, como se pode ver nos exemplos (454) - (456) e (458).

Uma observação interessante a fazer em relação às vogais centrais, e mais particularmente em relação à vogal central não alta / a /, é a de que, considerando os exemplos (437) - (443), (444) - (456) e (458), / i / e / a / são as vogais tônicas que fornecem maior número de exemplos de harmonia. A vogal / a /, além de ter maior força assimilatória na posição acentuada, é também a vogal que, quando em posição átona, mais resiste à assimilação, como mostram os exemplos (459), (462), (463) e mais os seguintes :

(467)	/así/	/ahí/	"doer"
(468)	/abí/	/awí/	"errar (o tiro)"
(469)	/manõ/	/manõ/	"morrer"
(470)	/yarõ/	/yarõ/	"bravo"
(471)	/rasó/	/rahó/	"levar"
(472)	/kane?õ/	/kanõ/	"cansado"
(473)	/apó/	/apó/	"fazer"

Outro fato que desperta a atenção é o de que a incorporação de propriedades da vogal tônica nas vogais pré-tônicas é, em regra, total. Mas não inclui, em nenhum caso, a propriedade [+nasal] (cf. (447), (451) - (456), (458), (463) e (464). Esse fato constitui evidência a favor das análises que interpretam a nasalidade das vogais nas línguas Tupi-Guarani como uma propriedade suprasegmental, não intrínseca à vogal (cf. Gregores & Suárez (1967), Grannier-Rodríguez (1974), Guedes

(1983) e Dooley (1984).

A harmonia vocálica, em Guajá, se caracteriza pela assimilação total de vogais pré-tônicas às vogais tônicas (isto é, assimilação regressiva: da direita para a esquerda); nesse processo as vogais centrais e, mais particularmente, a vogal central não alta é dominante, tanto por ser o mais forte elemento assimilador quando em posição acentuada, como por ser a única vogal que sistematicamente resiste à assimilação quando em posição não acentuada.

6.2 Indícios de vigência sincrônica

O processo de harmonização entre os fonemas vocálicos pré-tônicos e tônicos observado nos exemplos (437) - (466) manifesta-se também entre as variantes de um mesmo fonema, criando uma aparente irregularidade na distribuição alofônica. Assim, embora os fonemas / o / e / u / apresentem regularmente os alofones mais fechados | o | e | u |, respectivamente, em sílabas não acentuadas (vide exs. (156) - (159), (166)), êles se manifestam como | ɔ | e | u |, respectivamente, quando a sílaba não acentuada precede sílaba tônica cuja vogal também é o fonema / o / ou o fonema / u /, aí normalmente realizadas como | ɔ | e | u | (cf. 4.3.1) :

(474)	/ohó/	ɔ'hɔ	"êle vai"
(475)	/mičočó/	mitšɔ'tšɔ	"pau de cerca"
(476)	/hokó/	hɔ'k ^h ɔ	"socó"
(477)	/popoó/	pɔpɔ'ɔ	"depenar"
(478)	/yapopó/	ɣapɔ'p ^h ɔ	"panela"
(479)	/urú/	u'ru	"esp. de urubu"
(480)	/huhú/	hu'hu	"vomitar"
(481)	/parúhú/	pa,řu'hu	"grávida"

Situação análoga ocorre com o fonema / e /, cujo alofone | e |, em sílaba acentuada, provoca a ocorrência de outro | e |, em vez do esperado | ε |, na sílaba precedente :

(482)	/keré/	ké'ře	"dormir"
(483)	/peperé/	pepe'ře	"criança que está para nascer(?)"
(484)	/imáperé/	i ₂ ,mape'ře	"descansar"
(485)	/míteté/	míte't ^h e	"chupar"

Há, entretanto, algumas palavras nas quais as realizações do fonema / e / aparecem harmonizadas, mas, contrariamente ao que é mais freqüente, a sílaba tônica pode apresentar a realização | e |, própria da sílaba átona :

(486)	/wewé/	we'we	"voar"
(487)	/nehé/	he'he	"lavar"
(488)	/meték/	me t ^h εk ^h	"bater"

Formas como

(489)	/čapukáy/~čapakáy/~čamakáy/	"galinha"
-------	-----------------------------	-----------

correspondendo ao Tupinambá /sapukáy/ "galinha", e ainda

(490)	/keramuhũ/~kurumuhu/	"roncar"
-------	----------------------	----------

(certamente formado de /keramú/~kurumú/ mais o morfema intensivo /uhú/), correspondendo ao Tupinambá /kéramú/ "roncar", permitem supor que a ação da regra de harmonia vocálica, apesar das evidências de que se trata do produto de um processo histórico, talvez ainda se dê sincronicamente, visto que, nesses casos, convivem formas harmonizadas com formas não harmonizadas.

CONCLUSÃO

A apresentação e análise dos dados nos capítulos precedentes representam um primeiro esforço de organizar os fatos fonéticos da língua Guajá, na medida em que foi possível registrá-los em campo.

Se as limitações dos dados, devido às dificuldades práticas em que se deu o trabalho de campo, determinaram que este estudo se limitasse à investigação e à descrição dos fonemas segmentais e do acento de intensidade, observados basicamente nas palavras, devemos reconhecer entretanto que, ainda assim, foi possível determinar um grande número de fenômenos muito interessantes do ponto de vista fonológico. Não resta dúvida que a língua Guajá parece singularizar-se, nesse particular, entre as línguas da família Tupi-Guarani.

Tudo está a indicar que se justifica plenamente o estudo mais detalhado e mais abrangente desta língua, com base em trabalho de campo mais intenso e mais sistemático.

Um dos aspectos mais característicos da fonologia do Guajá, na medida em que esta se revela na análise aqui produzida, é a

variedade de casos de flutuação, e mesmo de comutação livre de fonemas, que chegam a dar a impressão de uma certa instabilidade fonológica. Provavelmente esse estado de coisas se correlaciona com alguns fatores sociais que caracterizam a situação da comunidade Guajá cuja língua se procurou registrar. Por um lado, trata-se de um dentre vários pequenos grupos de caçadores e coletores praticamente nômades, em que os indivíduos não dispõem de grande número de interlocutores; e de outro, justamente o grupo junto ao qual se realizou a pesquisa de campo, era constituído de remanescentes de vários grupos destruídos no processo de ocupação de seu território pelos civilizados; essa é uma situação que, quase certamente, a meu ver, acarreta interferência dialetal.

BIBLIOGRAFIA

- Abaurre Gnerre, Maria Bernadete M. 1981. "Processos fonológicos como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil". Cadernos de Estudos Lingüísticos 2:23-43.
- Abercrombie, David. 1967. Elements of general phonetics. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Barbosa, A. Lemos. 1967. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- _____. 1970. Pequeno Vocabulário Português-Tupi. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Beghin, François-Xavier. 1951. "Les Guaja". Revista do Museu Paulista, n.s., 5:137-9
- _____. 1957. "Relation du premier contact avec les indiens Guaja". Journal de la Société des Américanistes, 46:128:32.
- Bloch, Bernard. 1941. "Phonemic overlapping" American Speech 16:278-84. Reproduzido em Joos 1963:93-96.
- Bloomfield, Leonard. 1933. Language. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Chao, Yuen-Ren. 1934. "The non-uniqueness of phonemic solutions of phonetic systems". Bulletin of the Institute of History and Philology, Academia Sinica, part 4:363-97. Reproduzido em Joos 1963:38-54.
- Dodt, Gustavo. 1981. Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi (coleção Reconquista do Brasil, n. s., 38). Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Ed. da Univ. de São Paulo.
- Dooley, Robert A. 1984. "Nasalização na língua Guarani". In: R. A. Dooley (org.), Estudos sobre línguas Tupi do Brasil. (Série Lingüística, 11) Brasília: Summer Institute of Linguistics.

- Fundação Nacional do Índio. 1979. "Guajá: os últimos índios isolados do Maranhão". Revista de Atualidade Indígena, 15:2-12.
- Gleason, H. A. 1955. An introduction to descriptive linguistics, Revised edition. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Gomes, Mércio Pereira. ms. Antropologia da sobrevivência dos índios Guajá. Projeto de Pesquisa. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- Grannier-Rodrigues, Danielle M. 1974. Fonologia do Guarani antigo. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Gregores, Emma, e Jorge A. Suárez. 1967. A description of colloquial Guarani. Haia: Mouton.
- Guedes, Marymárcia. 1983. Subsídios para uma análise fonológica do Mbiá. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Hyman, Larry M. 1957. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Istre, Giles Lothar. 1980. Fonologia Transformacional e Natural. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Joos, Martin. 1963. Readings in Linguistics. 3rd. edition. New York: American Council of Learned Societies.
- Ladefoged, P. 1975. A course in phonetics. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Nimuendaju, Curt. 1948. "The Guaja". In: Julian H. Steward (ed.) Handbook of South American Indians, 3:135-6. (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143). Washington, D.C.: United States Government Printing Office.
- Parisi, Valéria. 1973a. "Breve notícia sobre os índios Guajá". Boletim Informativo FUNAI. Ano II, nº 7.

- _____. 1973b. "Contacto com a última tribo arredia do Maranhão".
Boletim Informativo FUNAI. Ano II, nº 7
- Pike, K. L. 1961. Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Ribeiro, Darcy. 1974. Uirá sai à procura de Deus. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rodrigues, Arvon D. 1984/1985. "Relações Internas na família lingüística Tupi-Guarani". Revista de Antropologia 27/28: 33-53.
- _____. ms. Estrutura do Tupinambá.
- Sapir, Edward. 1925. "Sound patterns in language". Language. 1:37-51. Reproduzido em Joos 1963:19-25. (trad. de J. Mattoso Câmara Jr.: "Os padrões sônicos da linguagem". In: E.Sapir, Lingüística como ciência, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 79-99).
- Swadesh, Morris. 1934. "The Phonemic Principle" Language 10:117-29. Reproduzido em Joos 1963:32-37.
- Weiss, Helga. 1977. Fonética articulatória: Guia e exercícios. Brasília: Summer Institut of Linguistics